

a época e o destino de Nietzsche

A SUA ÉPOCA

Em 1800, a Alemanha era quase medieval: 78 % da população vivia no campo, ocupando-se 80 % da agricultura. Havia apenas 17 cidades de mais de 10 mil habitantes. Nas cidades vigoravam as corporações; no campo o *Erhbuntertaenigkeit* adstringia o camponês à gleba. A economia era em grande parte autónoma. Polulavam pequenos Estados que se rodeavam de muralhas de impostos e taxas com sistemas de pesos e medidas próprios de cada um.

Em 1835, foi inaugurada a primeira linha de caminho de ferro entre Leipzig e Dresden; em 1845, a extensão dos rails atinge 2.300 km; 6.000 em 1850; 20.000 em 1871... O desenvolvimento da navegação dá-se de forma igualmente precipitada. E a indústria? Em 1800, ela trabalhava ainda sem máquinas modernas — apenas a indústria algodoeira, sob o impulso napoleónico, sofreu um brusco desenvolvimento. Em 1837, as máquinas a vapor forneciam uma força de 7.000 cavalos. Depois de 1850, o vapor faz a sua entrada triunfal. Em 1840, a produção do ferro na Alemanha vinha somente após a da Inglaterra, da França, da Bélgica. Em 1900, tomou a dianteira a todos os países europeus... (1)

A situação da burguesia deu a este desenvolvimento do capitalismo alemão traços específicos, cujas conseqüências estão ainda longe de se encontrarem esgotadas. Esta burguesia integrou-se no Estado feudal e militar dos Hohenzollern em lugar de tomar a direcção e impôr a unidade nacional e as medidas de progresso social. A nobreza feudal enriqueceu-se ao mesmo tempo que a burguesia. Condes e duques especulavam financeiramente tornando-se capitalistas. Sob o signo deste conluio entre o feudalismo e a finança, a burguesia alemã — sem ter o poder, sem ter criado o seu estilo e a sua cultura original, sem ter imposto a liberdade de pensamento e a igualdade democrática das pessoas — conheceu a prosperidade. Os partidos em luta, os liberais nacionais e os populistas, não são mais, como disse alguém, que «polos opostos dum mesmo espirito limitado». Um homem, Bismarck, dirigiu com uma extraordinária habilidade os negócios alemães. «Para dar livre curso à actividade política da burguesia» ele aplicou «um pequeno meio bonapartista...; procurar organizar um laborismo para seu serviço». (2)

Assim se instaurou pouco a pouco na Alemanha durante

este período um regime da burguesia. Afastam-se os obstáculos ao desenvolvimento da economia; introduz-se o sufrágio universal. Bismarck integra todos os elementos de resistência no Estado feudal. Documentos descobertos em 1927 provaram aquilo que há muito se suspeitava: Bismarck negociou com Lassalle para assegurar clandestinamente a direcção da Associação geral dos trabalhadores. A Alemanha conservou assim um estilo feudal já sem voga. (3) A cada instante, a cada passo, segundo todos os testemunhos literários e todos os observadores, se sentia a proximidade do feudalismo, das instituições e das idéas vindas directamente da comunidade medieval. O passado não é elaborado, compreendido e ultrapassado; por toda a parte recordações históricas, uma memória sobrecarregada de reminiscências e que se apresenta como o presente vivo. A razão — ligada historicamente e socialmente à democracia, ao confronto democrático das opiniões, à livre concorrência dos indivíduos e à sua emulação em condições de igualdade pessoal pelo menos teórica — a razão moderna apresentou-se como superficial na Alemanha. As relações entre grupos e pessoas estavam impregnadas de «valores» caducos e contraditórios. As relações de pessoa para pessoa, de vassalagem, de honra social, de hierarquia — directamente importadas da comunidade medieval — misturavam-se inextricavelmente com as relações fundadas no mercado, no dinheiro, nas abstrações jurídicas. As sobrevivências mais desconcertantes da idade média acamaravam com as aquisições da técnica mais moderna. Uma certa idolatria da cultura apresentava-se como unidade; e esta cultura, obra de dois ou três séculos do espírito da burguesia, era uma cultura académica, abstracta, reduzida a estudos linguísticos e históricos.

Se bem que pensasse nisso sempre, a velha Alemanha não tinha nunca conseguido definir-se espiritualmente. E, subtil pezo da *Gründlichkeit* germânica, ela tinha tentado mesmo definir-se pela ausência de definição. «Nós não somos nada, disse Hoelderlin; o que procuramos é tudo». E Goethe em 1827: «Nós não vemos ser nada, mas devir tu-

por HENRI LEFEBVRE

do». Expressando lucidamente a imagem alemã do devir, Hegel, tinha dado uma primeira forma a este dever-ser sem fim. Tinha expresso as aspirações da Jovem Alemanha entusiasmada com o início da Revolução Francesa, ávida de unidade e de liberdade racionalmente organizada, desejava de acabar com a antiga Alemanha instável entre as suas marchas de Este e de Oeste, dessiminada em principados e comunidades locais. Mas o hegelianismo e o próprio Hegel tinham sido absorvidos e assimilados pelo Estado prussiano, pela cultura académica.

O fracasso da Revolução de 48 foi pois o fracasso da formação espiritual da Alemanha, da sua unidade e da sua democracia. Daqui procedeu uma extraordinária confusão de aspirações informes, entre as quais o anti-burguesismo e o anti-filistinismo tomavam — já — formas anti-progressivas, exprimindo-se no romantismo, no culto da simplicidade, da inocência e da «vida», no arianismo e no anti-semitismo, na religiosidade e no culto das sobrevivências.

O SEU DESTINO

Imaginemos agora, nesta estagnação e neste absurdo caos, um continuador autêntico da profundidade filosófica alemã. Imaginemos uma «jovem alma» fremente, apaixonada, com uma sensibilidade quase mórbida, profundamente honesta e rigorosa, de acordo com as suas origens e a sua formação — tal como o próprio Nietzsche a descreveu na 3.ª Intempestiva. Suponhamos que uma multiplicidade de condições — de azares, de heranças, de refinamentos intelectuais, de dores sobretudo — se tinham reunido para suscitar um espírito duma espécie quase improvável na Alemanha bismarckiana. Qual podia ser o destino desta «jovem alma» acordando então para a lucidez? Um jovem alemão bem dotado, nascido nas classes médias, podia facilmente «vencer» e «ser feliz». Propôs-se pois à jovem alma primeiramente a felicidade, uma felicidade fácil, um pouco vulgar, uma felicidade em «robe de chambre». Nem as idéas feudais, nem as de democracia burguesa, nem o

socialismo poderiam então oferecer-lhe uma expressão, um fio condutor, uma preocupação essencial. Não descobria à volta de si senão uma mistura informe de sentimentos, de estilos, de instituições e de idéas referentes a todas as épocas da história: sentimentalidade patriarcal, orgulho feudal, quietude pequeno-burguesa, avidez e vulgaridade.

O destino duma alma assim era, em primeiro lugar, o de sofrer um destino e ter de aceitá-lo — não poder atingir, num consentimento a si próprio e às condições da sua vida, um livre desenvolvimento. Tornava-se-lhe necessário, antes mesmo de ensaiar a análise, odiar esta mistura informe, quer dizer, o seu ponto de partida, a sua inserção na existência, a sua provisão e a sua força, a sua felicidade, a doçura dos seus primeiros anos, as suas primeiras alegrias espirituais e as suas primeiras esperanças. Estava destinada a lutar sem descanso para devir o ser que ela a princípio apenas podia sentir em si, para atingir a adesão a si e ao mundo.

Esta alma devia ser dolorosa e revoltada; mas não podendo saber claramente contra quem se revoltar, ela encontrou-se em rebelião incessante contra si mesma.

A dialética materialista tinha dado uma forma europeia ao sentimento germânico e hegeliano do devir. O momento em que tinha sido possível conceber esta grande síntese, em que os seus elementos se apresentaram como que espontaneamente à meditação, tinha passado. A nova concepção do mundo, incompletamente formulada, desconhecida do grande público «cultivado» não tinha ainda produzido as suas conseqüências políticas. O esforço para a captação de todos os elementos do real e para a unidade (noutros termos; o espírito filosófico), tinha sido conduzido a tomar uma outra forma, menos rigorosa e menos segura que a razão dialética: a inteligência comparativa.

Era inevitável que um génio filosófico que começava a reflectir nos seus anos postrevolucionários procurasse em-

(1) Lúcia Varga: *Annales d'histoire économique et sociale*, nov. 1937.

(2) *La question du logement*.

(3) Nietzsche descreveu admiravelmente este carácter da Alemanha «moderna». Ver «Para além do Bem e do Mal», princípio da 3.ª parte.

(Continua na página seguinte)